

CorpoCobaia e o Caderno das Contaminações

GuineaPigBody e the Notebook of Contaminations

Paulo Lima Buenoz

Artista

*Professor no Curso de Artes Visuais e no Mestrado em Artes
da Universidade Federal de Uberlândia
limabuenoz@terra.com.br*

12

Resumo

Ensaio visual construído como um caderno composto de imagens fotográficas, anotações, relatos pessoais e poemas que de alguma forma reverberam as sensações quando me expus como cobaia num estudo clínico para aprovação de medicamento para a AIDS. Um caderno de contaminações que ora abrem sentidos, ora privam de sentidos, ora devolvem os sentidos e, por vezes, apontam o desfalecimento dos sentidos.

Palavras-chave: Arte contemporânea brasileira. Corpo. Subjetivação. AIDS.

Abstract

A visual essay built as a notebook with photographic images, personal notes and poems that in some way resonate the sensations when I exposed myself as a guinea pig on a clinical trial for a new AIDS medication. A notebook of contaminations that at times up the senses, or deprive the senses and at other times point the weakening of the senses.

Keywords: Brazilian contemporary art. Body. Subjectivity. AIDS.

CorpoCobaia e o Caderno das Contaminações é um trabalho em que estou usando um corpo exposto como cobaia a um estudo científico para aprovação de medicamento como um ponto de vista sobre a vida e fazendo da arte uma estratégia de resistência. Estratégia que tem o poder de reinventar nesse corpo o que lhe foi sequestrado e instrumentalizado em sua condição de cobaia: a singularidade do desejo. Poder de contornar o deserto subjetivo que se desenha em torno da AIDS, em sua relação com o(s) outro(s), qualquer(qualsquer) que seja(m), quando este(s) teme(m) o contágio, como acontece de forma exemplar em estudos científicos para a aprovação de novos medicamentos. Reabrir através da arte a possibilidade de fabricação de uma consistência subjetiva, em pleno deserto, desenvolvendo na situação de pesquisa média seu caráter de experiência viva. Uma experiência de relação com o outro, seja esse outro alguém que se expõe às contaminações com a vida ou alguém que as evita através de estratégias defensivas as mais variadas.

O que acontece em torno da AIDS, nesse sentido, pode ser considerado como um analisador paradigmático da resistência da nossa cultura a toda espécie de contaminação, ou seja, resistência a uma efetiva exposição ao outro. Uma ambiguidade que mistura e confunde contaminação por afetos, valores, sentidos etc., com contaminação pelo vírus. O medo de uma instabilidade subjetiva por identificação com o contaminado, misturado ao medo de uma instabilidade orgânica trazida pelo contágio que pode levar à morte, é o que passa a justificar o evitamento de toda e qualquer relação efetiva com as pessoas portadoras do vírus.

Como artista, estou reinventando na situação vivida o que lhe foi retirado na condição de cobaia – a singularidade de uma experiência, a alegria de abrir-se à exposição ao outro, a dignidade de enfrentar o risco de que essa abertura é portadora – em nome da potência criativa da vida.







Na minha alcova
Ardiam velas
Em candelabros de bronze.

Pelo chão em desalinho
Os veludos pareciam
Ondas de sangue e ondas de vinho.

Deram-se as bocas num beijo,
– Um beijo nervoso e lento...
O homem cede ao desejo
Como a nuvem cede ao vento.

Antonio Botto





Uma necessidade objetiva tomou a decisão: o laboratório farmacêutico pagava bem a cobaia. O que mais incomodava eram a desconfiança e um gosto estranho de mercadoria no corpo. Eu não confiava nos procedimentos do estudo científico para aprovação de uma nova droga para a AIDS. Desconfiava, a cada passo, do possível erro na administração do medicamento, do uso que fariam dos dados colhidos, do dinheiro que lucrariam no futuro. Mesmo sendo um estudo de duplo-cego, no qual não se sabia se estávamos tomando o medicamento ou não, tudo me parecia uma farsa. Quais as reais consequências do corpo físico? O fígado vai resistir? O que de mim vai conseguir sobreviver? O que tal droga/medicamento injetada no corpo realmente desencadearia nas minhas sensações? Aquele líquido estranho sendo penetrado não sei onde, agindo por caminhos desconhecidos. Eu nunca mais seria o mesmo. Durante o período de estudo, o corpo e uma interioridade, era uma sensação perceptível, sensível a cada alteração de calor, frio, luz ou dor. Naqueles dias passados dentro da clínica de infectologia do hospital, todos os procedimentos negavam um aprendizado íntimo do estado AIDS. Com a câmera fotográfica nas mãos, busquei cada relação possível naquele deserto de convivências forçadas. Os médicos e enfermeiros eram de uma gentileza distante, quase cruel no seu pretense interesse pelas sutilezas de uma singularidade. Contatos profissionais não conseguiam aproximar, tocar, contaminar qualquer delicadeza ou brutalidade daqueles mundos se desencontrando. Devir pedra. Vida sem fluxo pedindo socorro. Pressão arterial alta. Medo do inexorável. A mais cruel das solidões durante aqueles dias, onde tudo que se encontrava não se contaminava. Medo da vida = medo do HIV. Passávamos horas a fio juntos, desde antes de o sol nascer até depois de o sol se pôr, numa clínica sem janelas, no subsolo de um grande hospital que tinha as paredes recheadas de chumbo, para evitar a radiação (o espaço era a antiga clínica de radiologia). A vida que vibrava morria nas paredes. Conversávamos sobre tudo e nada e ninguém ouviu o grito da minha pressão alta... o estudo científico não tem tempo. Afirmar a vida implicava nomear a doença e abrir os olhos para a delicadeza grave do continuar vivo. Quando se encontra no estado AIDS, todos os medos das forças de Fora são espelhados em nós. Passa-se a um outro estado, o de personificar os medos do(s) outro(s).









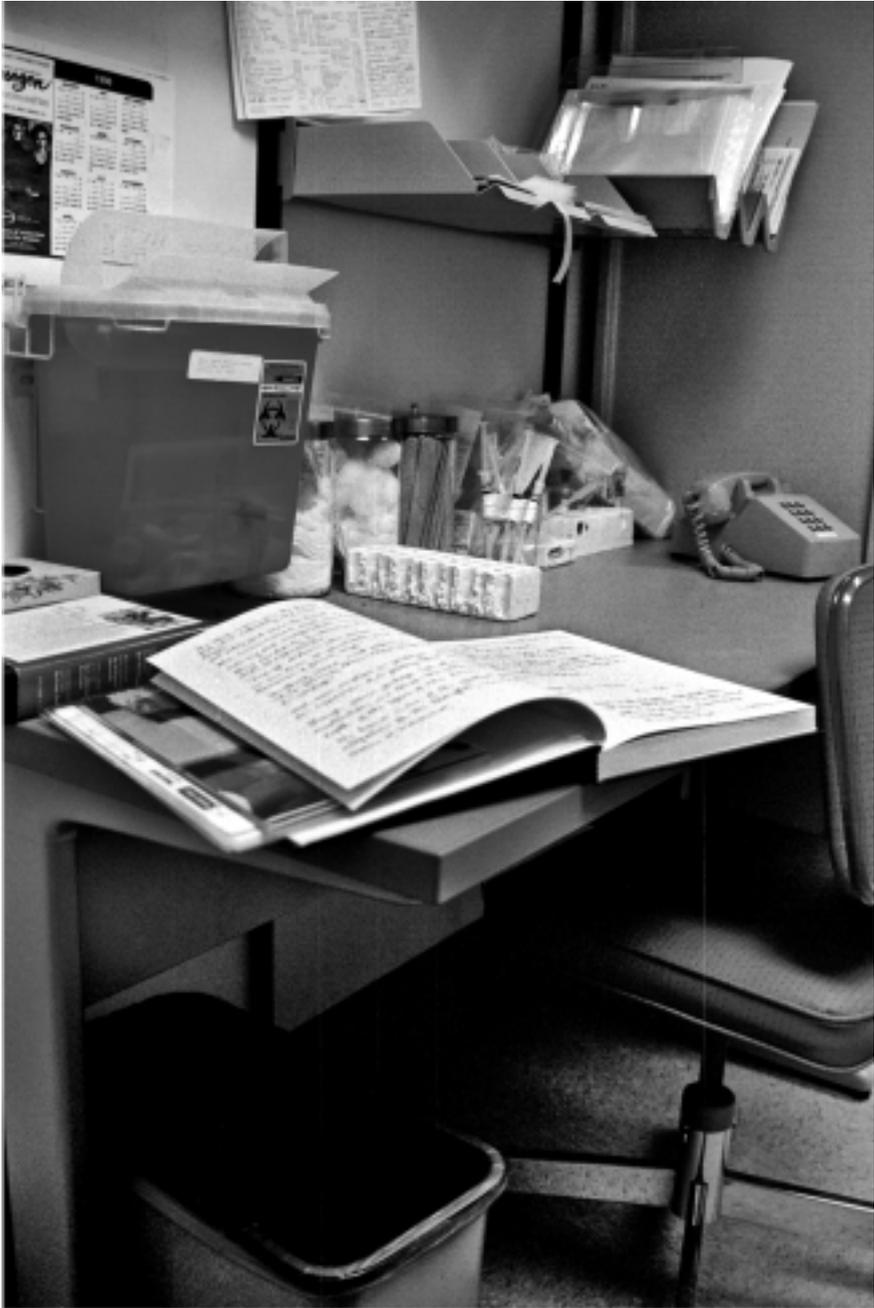


Os espaços das fotos são poucos: uma cama e uma clínica média. Os lugares, como consigo visualizar, são muitos e múltiplos... só mapeando as sensações que se misturam. As pessoas que aparecem também são poucas e todas sem rosto. Presenças ausentes de rostidade, mas presentes na intensidade de suas pernas e pés. Caminhar com a sensibilidade de um cego pelas sensações, pela memória e sua atualidade. Nem passado, nem futuro, apenas a possibilidade da vitalidade de uma saúde frágil. Arriscar possibilidades para poder me salvar do abismo da melancolia.









Fui

Não me deixei prender. Libertei-me de todo e fui
em busca de volúpias que em parte eram reais,
em parte haviam sido forjadas por meu cérebro;
fui em busca da noite iluminada.
E bebi então vinhos fortes, como
bebem os destemidos no prazer.

Konstantinos Kaváfis





Os dias passavam como impressões nebulosas e inquietantes... eu caminhava por entre os deuses e os mortos em busca de uma sensação de vida que pulasse... ou... a presença de Deus, de um Deus, de todos os Deuses.

Quero o lugar onde tudo pode ser... mas eu sentia medo dos iniciados que sabem que o caminho é sem volta. Olhar a dimensão da largura do rio e não realizar a existência de uma ponte.

Eu sonhava cada respiração como sendo a possibilidade de sentir o pulso potente da vida.

Um corpo doente gritava e não conseguia se ouvir... doce e fatal melancolia de uma vida inocentemente, um dia, desejada sem limites.

Gritar: EU ESTOU AQUI e não saber com que olhos escutar.



Ao decidir fotografar o período em que me submeti como cobaia, a escolha por uma câmera fotográfica não aconteceu apenas por acaso ou conveniência. O visor da máquina é uma área de contágio – é pele. O que determinava cada clique era a intensidade de um corpo pedindo contato, querendo contágios. O visor usado como o limiar entre o desejo e a arte. Dessa forma, cada instantâneo fotográfico carregava o paradoxo vida/morte na necessidade de tentar redes de sentido com tudo o que estava à minha volta durante os períodos que passei no hospital para a realização do estudo para aprovação daquela droga para AIDS.

No ato de fotografar, deixa-se que a luz “contamine” o filme, uma película fotossensível. Depois, no escuro, ao revelar o filme, ele é “contaminado” por químicos para que as áreas de luz formem uma imagem em negativo na película. No processo de ampliação, é luz novamente que vaza a imagem em negativo, “contaminando” assim o papel que também é fotossensível, fazendo surgir a imagem desejada inicialmente. Todo o processo de ampliação fotográfica carrega em si um grande fator de risco: poucos graus a mais ou a menos na temperatura dos químicos podem alterar todo o resultado.









Reinventar uns corpos, inventar muitos rostos, inventar alguns lugares. Manchar de vermelho as mãos, pisar com pés descalços... a dois metros do chão, como os beija-flores, como Bispo de Rosário. Um livro que não tem fim, morrer antes da última página. Sem a cegueira dos medrosos, cego sim por encarar o sol. De olhos bem abertos, de frente para a sombra, poder olhar tudo de novo, sem contorno, e sonhando uns mares, um céu, muitos nomes, um perfume de rosas, uma mala.

Durante todo o tempo em que fotografei minhas estadas no hospital como cobaia do estudo clínico, o trabalho da fotógrafa Nan Goldin foi minha principal referência e inspiração. Especialmente as fotos que ela tirou dentro de um hospital, ao acompanhar o processo de morte de um amigo, abatido pela AIDS, ainda no período brutal e avassalador da doença. Eu desejava a intimidade e intensidade que ela consegue com um simples instantâneo fotográfico. O momento certo de abertura do contato com o outro e o clique da máquina, pele e contágio sem estetizações.





Quem é que abraça o meu corpo
Na penumbra do meu leito?
Quem é que beija o meu rosto,
Quem é que morde o meu peito?
Quem é que fala da morte
Docemente ao meu ouvido?
– És tu, senhor dos meus olhos,
E sempre no meu sentido.

Antonio Botto

Quando decidi fotografar minha cama imediatamente após acordar, os trabalhos de alguns artistas me inspiraram. Primeiramente, uma série de fotos que vi no atelier de Regina Vater, no final dos anos 1970, todas em preto e branco, da cama de amigos depois de acordarem.

Segundo, o artista cubano radicado nos Estados Unidos, Felix Gonzales-Torres, que, em 1992, num trabalho *Sem Título*, espalhou por mais de 20 outdoors pela cidade de New York e um dentro do Museu de Arte Moderna a imagem fotográfica de uma cama de casa, com as marcas de uso, mas sem ninguém ou qualquer palavra ou indicação escrita, abrindo uma sensação incômoda sobre ausência e presença, público e privado, morte e perda. O artista morreu de AIDS em 1996.

Terceiro, o trabalho *O Hotel*, de Sophie Calle, no qual as fotos em quartos de hotel de pessoas que ela não conhecia também deixam essa estranha sensação de intimidade inventada e recriada, o privado e o público, desejo de relação real pelo impossível. Ainda nesse trabalho, as fotos dos detalhes, objetos, pessoas, habitantes desses quartos com os quais ela tenta um contágio sempre me chamaram a atenção pela sensibilidade de um olhar que se aproxima de uma natureza morte na pintura.



Jura

A cada pouco jura começar vida nova.
Mas quando a noite vem com seus conselhos,
seus compromissos, com suas promessas:
mas quando a noite vem com sua força
(o corpo quer e pede), ele de novo e sai,
perdido, atrás da mesma alegria fatal.

Konstantinos Kaváfis

Quantos somos? Quantos podemos ser?
Quantos de mim e quantos de nós?



Referências

BERNARDET, Jean-Claude. *A doença, uma experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOTTO, Antonio. *Bagoas de prata*: antologia poética. São Paulo: Olavobrás, s.d.

DELLEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pal Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

KAVÁFIS, Konstantinos. *Poemas*. Tradução de José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PESSOA, Fernando. *O livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Corpos de passagem*: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.